

Poesia lírica e indianista





ANTOLOGIA

GONÇALVES DIAS

Poesia lírica e indianista

POEMAS SELECIONADOS

Cotejados com a edição crítica de *Obra poética de Gonçalves Dias*, organizada por Manuel Bandeira para a Companhia Editora Nacional, em 1944, e com a edição *Cantos: coleção de poesias*, de 1857, da editora alemã F. A. Brockhaus.

Organização

Márcia Lígia Guidin

Poesia lírica e indianista

© Márcia Lígia Guidin, 2003

gerente editorial Fabricio Waltrick

editora Lavinia Fávero

coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista

revisão Alessandra Miranda de Sá e Bárbara Borges

editoras assistentes Carla Bitelli e Fabiane Zorn

arte

imagem da capa *À lembrança do monza de meu irmão*, 2008, obra de Bruno Miguel

projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez

editor Vinicius Rossignol Felipe

diagramadora Thatiana Kalas

editoração eletrônica Luiz Henrique Dominguez

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

D532p

2.ed.

Dias, Gonçalves, 1823-1864

Poesia lírica e indianista / Gonçalves Dias ; organização

Márcia Lígia Guidin. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2010.

232p. - (Bom Livro)

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978 85 08 12693-4

1. Poesia brasileira. I. Guidin, Márcia Lígia. II. Título. III. Série.

09-3766.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

ISBN 978 85 08 12693-4 (aluno)

CAE: 250106

Código da obra CL 736794

2017

2ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. | 2003

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Gonçalves Dias: poeta do Brasil 9

Nota sobre o texto 31

Poesia indianista e nacionalista 33

Canção do exílio 35

O canto do guerreiro 38

O canto do Piaga 42

O canto do índio 47

Deprecação 49

Caxias 51

Caxias (fragmento) 52

Tabira 54

O gigante de pedra 62

Leito de folhas verdes 69

I-Juca-Pirama 72

Marabá 89

Canção do Tamoio 91

Estâncias 95

Os Timbiras (fragmento) 99

Minha terra 106

Poesia lírica 109

O soldado espanhol (fragmento) 110

A leviana 115

A minha musa (fragmento) 117

Desejo 119
Seus olhos 120
Inocência 122
Pedido 123
Minha vida e meus amores 124
Recordação 127
Amor! Delírio — engano 128
O vate 132
A escrava 134
O desterro de um pobre velho 137
Quadras da minha vida (fragmento) 140
O mar 143
Ideia de Deus (fragmento) 146
O romper d'alva 148
A tarde 151
Não me deixes! 155
Ainda uma vez — Adeus! 156
Se se morre de amor! 162
Olhos verdes 165
Menina e moça 167
Que me pedes 169
Desalento (fragmento) 170
O meu sepulcro (fragmento) 172
Saudades (fragmento) 175
O amor 177
A tempestade 180
Oh! Que acordar! 186
Se muito sofri já, não mo perguntes 188
No jardim! 190
A baunilha 193
Se te amo, não sei! 195
Como! És tu? 196
Lira quebrada 198
O trovador (fragmento) 200
Prodígio 201
A mendiga (fragmento) 203
Adeus (fragmento) 204
Lira 206
O homem forte 207

Nênia (fragmento) **208**
A infância (fragmento) **210**
Como eu te amo (fragmento) **211**
Como eu te amo (variante) **213**
Por um ai **214**
Quando nas horas (fragmento) **216**

Indicações de leitura **219**
Resumo biográfico **221**
Obras do autor **225**
Obra da capa **229**



Márcia Lígia Guidin

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP),
professora universitária e editora.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Você certamente já leu ou ouviu os versos acima. Tais versos iniciam um famoso poema, chamado “Canção do exílio”, escrito em 1843 pelo poeta maranhense Gonçalves Dias, que na época tinha 20 anos e estudava em Coimbra, Portugal. Mais do que o interessante fato de o poeta ser tão jovem, não é incrível que este poema ainda esteja na lembrança de tantas pessoas há mais de 150 anos? Por que, se já não somos tão nacionalistas, se já não nos preocupamos tanto com nossas palmeiras e nossos sabiás?

O fato de esses versos persistirem em nossa memória justifica sua imortalidade na literatura brasileira e revela muitas coisas sobre o estilo e o valor do poeta que os escreveu.

O grande segredo desse poema (e de tantos outros do autor) é que o tema do amor à pátria é manifestado com palavras simples e muito precisas, num ritmo perfeitamente adequado à emoção que a saudade da pátria lhe inspirou.

São muitos os estudos sobre esse poema e os críticos são unânimes: ele é fruto de inspiração excelente de quem conhecia a língua e seus recursos poéticos, não só através da escola ou da gramática, mas pela leitura e grande convívio com outros poetas clássicos e modernos. Só esse trabalho

Página oposta:
o poeta Antônio
Gonçalves Dias.

já confirma o talento de Gonçalves Dias, que soube aproveitar toda a liberdade para escrever — grande conquista dos poetas românticos. Entretanto, o autor não abriu mão completamente dos valores anteriores ao romantismo, que tinham certas regras de criação as quais davam elegância e equilíbrio aos versos.

Essa associação intuitiva entre velho e novo deu tão certo, em toda sua obra, que Gonçalves Dias é considerado um dos fundadores da nossa literatura nacional romântica, o grande poeta de sua geração e um dos maiores que o Brasil já teve.

Antônio Gonçalves Dias nasceu no sítio Boa Vista, perto da cidade de Caxias, no Maranhão, em 1823. Era filho natural de uma mestiça, Vicência Mendes Ferreira, com o português João Manuel Gonçalves Dias. Logo após seu nascimento, seu pai fugiu sozinho para Portugal, a fim de escapar da perseguição que muitos portugueses vinham sofrendo no Brasil depois da Independência: havia em todo o novo país um sentimento antilusitano muito forte. Quando o pai do poeta voltou a seus negócios no Maranhão, abandonou Vicência e lhe tomou o menino, que seria criado pela madrasta, Adelaide Ramos de Almeida.

Como a família era relativamente abastada, o pai, preocupado com a educação de Gonçalves Dias, decidiu mandá-lo estudar em Portugal. Mas João Manuel morreu antes de o jovem, então com 15 anos, poder embarcar. Somente um ano depois seguiu para Coimbra, onde amadureceria seu gênio poético e escreveria muitos de seus mais famosos poemas.

Em 1845, com problemas financeiros, a madrasta pediu ao enteado que voltasse ao Maranhão. Ele ainda ficou algum tempo com amigos, mas acabou retornando sem concluir a faculdade e, no ano seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro, cidade na qual passou a dar aulas. Somente então pôde custear do próprio bolso a edição de *Primeiros cantos*, publicada em 1847.

As críticas foram muito favoráveis. Falava-se do poeta na rua do Ouvidor, onde se reunia a intelectualidade brasileira da época, e em alguns jornais. Ele recebeu elogios

até de Alexandre Herculano — famoso escritor romântico português — através de um artigo publicado em 1847, em um jornal de Lisboa.

Gonçalves Dias logo teve consciência de seu papel para nosso país, no que se referia à possibilidade de criar um viés literário rigorosamente brasileiro, ou seja, sedimentar nosso elemento diferencial e típico, que seria a “sua” figura do índio. Aliás, o poeta maranhense, imbuído do sentimento nacionalista dos primeiros românticos, fazia muito empenho em ser “o primeiro poeta do Brasil”. Não foi sem alarde que, ao republicar os *Primeiros cantos*, em 1848, mandou reproduzir no livro o extenso elogio recebido de Herculano. Num trecho, o romancista português dizia:

Os *Primeiros cantos* são um belo livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz, que já conta outros do seu seio, pode abençoar mais um ilustre filho. [...]

Quiséramos que as “Poesias americanas” que são como o pórtico do edifício ocupassem nele maior espaço...

Esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que cresceram à sombra das suas selvas primitivas.

Possível falta de modéstia à parte, o poeta fez o que seu senso de missão nacionalista mandara: havia tomado como fonte de inspiração o elemento mais autêntico, no entender da maioria dos intelectuais da época, de nosso espírito brasileiro. Para eles, ser poeta brasileiro era apresentar o país, suas raízes, sua natureza e, sobretudo, construir um imaginário romântico que remontasse às nossas origens.

Se uma das grandes qualidades de Gonçalves Dias foi aliar, em sua obra, a habilidade técnica aos temas de que tratava, outra foi a incrível imaginação criadora, crescente obra após obra, que o transformou num dos maiores poetas do romantismo no país, cumprindo assim seu grande projeto romântico. Imaginação criadora não é tão fácil nem automática: é a capacidade de o poeta ser original ao compor temas e situações, e conseguir dar-lhes tratamento literário adequado. E essa qualidade é a que logo



Fotomontagem em homenagem a Gonçalves Dias, feita por Ângelo Agostini para o periódico *Vida Fluminense*, em 1882.

foi percebida por Herculano e pelos críticos brasileiros da época.

Entre outros poetas (mesmo romancistas) do início de nosso romantismo, Gonçalves Dias foi o mais ousado e original. Por isso, sua lírica serviu de modelo e inspiração para os poetas que vieram depois. Há, por exemplo, muitas outras “canções de exílio” criadas por autores importantes, como Casimiro de Abreu, também romântico e seu contemporâneo, ou pelos poetas do século XX, como Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes. Mas nenhuma é tão famosa quanto a original. Até no nosso Hino Nacional há alguns versos dela retirados.

Chico Buarque e Antônio Carlos Jobim também recriaram o tema da saudade da pátria em “Sabiá”, quando dizem:

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá.

O espírito romântico dos poetas brasileiros e a cor local

Morando no Rio de Janeiro, Gonçalves Dias ganhava a vida como professor de latim e de história. Em 1849 passou a lecionar no famoso Colégio Pedro II, criado para educar os filhos da rica burguesia carioca. O poeta lia muito e fazia variados estudos históricos e etnográficos sobre índios. Maranhense que era, concentrou-se nas tribos litorâneas

das regiões norte e nordeste do Brasil, embora sua obra épico-indianista também acabasse criando mitos indígenas do litoral sul do país. Na verdade, todo o imaginário silvícola do Brasil litorâneo lhe serviria de inspiração para a construção da figura nacional nas suas “Poesias americanas”.

Como tinha muitos projetos literários em mente, ficava horas e horas estudando na Biblioteca Nacional e estava sempre disponível para participar de estudos do governo e comissões de pesquisa. Houve até quem o chamasse de oportunista, pois sempre conseguia trabalho dessa forma. Em 1849 publica, na revista *Beija-Flor*, o belo e polêmico poema “Leito de folhas verdes”, no qual valores amorosos universais se estruturam com a paixão saudosa de uma índia por seu esposo ausente (p. 69).

Para melhor compreendermos Gonçalves Dias, sua produção literária, suas características e os temas originais que abordou, precisamos considerar o Brasil após a proclamação da Independência. Depois de 1822, éramos livres, uma nova nação soberana. Aqui se instalava, em hora e lugar muito adequados, o espírito romântico: libertário, moderno, individualista, que, entre outras características, procurava tudo o que era novo, único, particular, diferente e específico de cada nação e de cada ser. Aliás, revelar isso na poesia era uma das grandes missões dos poetas românticos, fossem europeus ou americanos. Para tanto, escritores recorriam ao que estava esquecido, ao que era exótico, como os tempos da catequese e a colonização. Daí o furor com que todos se debruçaram sobre as invenções, a ênfase que davam à inspiração, e a consciência de que tinham uma vocação superior, quase mediúnica.

Os poetas românticos, mais que os romancistas, consideravam-se portadores de uma missão de beleza, de liberdade

Litografia da fachada do colégio Pedro II, de 1856, feita por Bertichem.



e de justiça naquele mundo moderno, que eles pensavam ver melhor que os outros mortais, pois se sentiam quase divindades. Veja o que diz Gonçalves de Magalhães, que é considerado o iniciador da poesia romântica no Brasil:

Não, oh mortais, não vos pertença, (exclama),
Eu sou órgão de um Deus; um Deus me inspira;
Seu intérprete sou; oh! terra, ouvi-me¹

Gonçalves Dias, como vimos, também acreditava nisso. E esse senso de missão justifica a ansiedade de criação lírica dos poetas. Podemos nos perguntar, entretanto, se o maranhense participa totalmente desse espírito de transbordamento, desse individualismo exacerbado. Pois até nesse aspecto Gonçalves Dias se distingue de seus contemporâneos: ele sentia a grande missão de ser “vate”, o primeiro poeta da nação, mas não se deixou levar por desequilíbrios e excessos.

Na verdade, toda a sua obra se sustenta numa espécie de contradição muito interessante. Seus poemas têm ao mesmo tempo um equilíbrio clássico (anterior ao romantismo; neoclássico, portanto) e a nova liberdade poética do espírito romântico que, cheio de inspiração, rejeita regras e cria seus próprios modelos e versos. Veja como o poeta confirmava sua missão no poema “O vate”² (p. 132), de *Primeiros cantos*:

Vate! vate! que és tu? — Nos seus extremos
Fadou-te Deus um coração de amores,
Fadou-te uma alma acesa borbulhando
Ardidos pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesúvio arroja às nuvens.

Ou como diria no poema “A tempestade” (p. 181), do livro *Líria vária*:

1 Apud CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, v. 2, p. 27. Trecho de *Suspiros poéticos e saudades*. (N.O.)

2 **vate**: aquele que faz vaticínios; profeta, adivinho. Por extensão, sinônimo de poeta, aquele que faz versos – também é um vate, pois enxerga além do que veem os homens comuns. (N.O.)

Não solta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d'inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quando habita
Da terra n'amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvoredado,
E o vate um canto a medo
Desfere lentamente,
Sentindo oprimido o peito
De tanta inspiração.

Para os novos escritores brasileiros (e não mais “portugueses do Brasil”) era preciso, além da missão universal do poeta, que se criasse, na literatura, a cor local brasileira, a verdadeira identidade de nossa nação para confirmar as bases do orgulho nacional.

Mas qual seria nossa identidade brasileira? — perguntavam e debatiam os intelectuais no país. Não éramos ainda o “país do carnaval” ou o “país do futebol”, tal como somos vistos hoje. Que elemento nos distinguiria das nações europeias (sobretudo de Portugal, metrópole da qual nos libertáramos) e nos daria uma feição própria, só nossa, diante de outras nações?

Naquele mundo moderno, os poetas sabiam que o artista romântico não era mais protegido pelos nobres, tinha de se entregar ao mundo individualmente, com originalidade, construir sua própria carreira, sua obra, seu destino. E Gonçalves Dias, mesmo sem se envolver em polêmicas intelectuais (e eram muitas, num país tão novo), indagava-se também como seria possível unificar, na literatura, os habitantes do país sob um símbolo de “povo brasileiro”.

Consciente e lúcido, o poeta encontrou sua própria resposta para a identidade brasileira: descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos nacionais seria, de fato, liberdade e patriotismo — daí as palmeiras e os sabiás. E também trazer para a poesia elementos que antes não eram considerados dignos de nela figurarem, como velhos, negros, mendigos e mestiços.



Frontispício da primeira edição de *Segundos cantos*.

Entusiasmado com os elogios às primeiras publicações, a rápida celebridade e a fama de grande estudioso de história, o poeta conseguia publicar *Segundos cantos* e as *Sextilhas do frei Antão*, ambos em 1848. Em 1851, publicava *Últimos cantos*. Gonçalves Dias mantinha a certeza de que “ainda que se menosprezasse a metrificação, os versos tinham de ser acomodados a todos os tons, como instrumento harmonioso”, como já dizia na introdução de *Segundos cantos*. Isto significa que este nordestino sabia, como poucos outros, aproveitar a liberdade criadora que o romantismo trazia para a poesia.

O indianismo de Gonçalves Dias

A partir de *Primeiros cantos*, as publicações de Gonçalves Dias trariam o conjunto de poemas que ele chamaria, daí por diante, sempre pelo nome “Poesias americanas”. Nesse conjunto entraram os poemas nacionalistas, como “Canção do exílio”, e quase toda sua obra indianista. (Dissemos quase porque o poeta deixou poemas póstumos e publicou outros avulsos, como a grande obra “Os Timbiras”.) Foram esses poemas americanos que vieram a dar um caráter particular e profundamente nacional à literatura feita em todo o Brasil nos anos 1830-1860.

O índio, para todos os intelectuais que a ele recorreram, representava o registro mais adequado das nossas origens, que jamais poderia assentar-se nos povos lusitanos, de quem nos libertávamos com sentimentos de rejeição profunda. Tampouco deveriam ser buscadas nos escravos, que, além de virem de terras tão longínquas e exóticas, tinham-se deixado escravizar facilmente. Assim, a “cor local”, que precisava ser criada pelos poetas, passaria necessariamente pelo selvagem, solução mais

óbvia na busca do específico brasileiro, como diz Antonio Candido³.

A propósito, é bom lembrar que a figura do índio brasileiro não foi descoberta por Gonçalves de Magalhães⁴ nem por Gonçalves Dias nem por José de Alencar, que viria a escrever os romances *Iracema*, *Ubirajara* e *O Guarani*. O índio já tinha sido usado como símbolo nacional desde o tempo de dom João VI. Mas foi no romantismo que se fixou sua representação na literatura com a estatura de grande herói mitológico. Fora o escritor francês François-René de Chateaubriand o primeiro a criar uma obra, chamada *Atala*, falando do índio americano; sua influência será grande em Gonçalves Dias.

Em *Caça ao tigre*, litografia do pintor holandês Johann Moritz Rugendas, de 1835, o índio é retratado como um selvagem forte, bravo e destemido.



3 Op. cit., v. 2, p. 18. (N.O.)

4 Gonçalves de Magalhães fundou a revista *Niterói* em 1836 e, em 1857, publicou "A Confederação dos Tamoios", poema épico indianista muito criticado por José de Alencar nas famosas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*. (N.O.).

Assim, descoberto pelos franceses, mas impulsionado pelas mãos de Gonçalves Dias e de outros brasileiros, o índio se transfigurou na nacionalização do cavaleiro medieval europeu. O espírito romântico de Gonçalves Dias instalou o indígena num paraíso — a terra brasileira litorânea maranhense, de modo geral —, paraíso esse que seria destruído pelos europeus invasores (não só portugueses, mas franceses e holandeses). Ou seja, o poeta, em toda sua obra, vai contrapor vigorosamente ao mundo europeu — agressivo, destruidor, sem valores morais rígidos — o mundo puro e perfeito da América.

Em todos os seus poemas americanos, a pureza, a força natural e a beleza serão ingredientes da superioridade dos povos da América sobre os da Europa. O mito do paraíso invadido será desenvolvido com vigor nos seus melhores poemas, e são muitos os momentos em que essa postura “política” se apresenta. Em “Os Timbiras”, no canto terceiro, o poeta escreve:

América infeliz! — que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sozinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre os dois mares
Máximos do globo: anos da infância
Contavas tu por séculos! que vida
Não fora a tua na sazão das flores!
Que majestosos frutos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno;
América infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascavéis da Europa?!

Pode-se dizer que a boa marca que diferencia o indignado espírito poético de Gonçalves Dias do de outros indianistas se resume na estrofe acima, que já estava presente nos seus primeiros poemas, como “O canto do Piaga”, “O canto do índio”, “O canto do guerreiro”. A traição, a perda da terra e da liberdade neste paraíso reapareceriam também na luta heroica do cacique Tabira, no bonito poema de mesmo nome (p. 54). O vocábulo *grilhões* na

obra do poeta maranhense será sempre empregado para indicar indignação, assim como a perda da vida bela e livre será sempre culpa dos invasores.



O índio na cultura letrada

Alguns dos problemas que a intelectualidade brasileira discutia eram: Como cantar o índio e a América? Do ponto de vista intelectual e aculturado? Como falar dele sem ser índio ou com tantas imprecisões, já que havia tão poucos estudos etnográficos em que os escritores pudessem apoiar-se? José de Alencar, que também falou de índios em alguns romances, expõe suas convicções:

[...] se algum dia fosse poeta, e quisesse cantar a minha terra e suas belezas, se quisesse compor um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas ideias de homem civilizado.

Filho da natureza embrenhar-me-ia por essas matas seculares; contemplaria as maravilhas de Deus, veria o sol

A gravura em cobre, de autoria de Theodore de Bry, mostra um ritual canibal em tribo indígena brasileira. Ela é uma das ilustrações do relato da viagem de Hans Staden ao Brasil, em 1592.

erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslizar-se no azul do céu; ouviria o murmúrio das ondas e o eco profundo e solene das florestas⁵.

É claro que um escritor que vem de expressiva cultura letrada não tem como abrir mão de sua formação e transformar-se em índio, como queria Alencar. Mas Gonçalves Dias fez um grande esforço para transmitir os sentimentos indígenas, de tal modo que a sua poesia saísse com a naturalidade do sentimento de um nativo.

Um dos melhores exemplos do efeito lírico original que ele obtém está, por exemplo, na alternância de ritmos de “I-Juca-Pirama”, em que as falas dos personagens (o jovem guerreiro, o pai, o cacique inimigo) reproduzem, no ritmo marcado do verso tecnicamente perfeito, seu estado de espírito.

O indianismo criado por Gonçalves Dias será muito particular porque a imagem do mito desse herói se amplia a partir da cultura erudita conquistada em Coimbra. Ou seja, os temas mais tradicionais da poesia em língua portuguesa, além de estarem na sua poesia lírica, serão adaptados ao cenário americano e ao que o poeta idealiza como personalidade indígena. Ao mesmo tempo que o poeta contempla um conjunto de valores indígenas imaginário (heroísmo pela tribo, coragem para a morte, lealdade ao pai e à nação, etc.), traz para a selva atributos morais dos brancos civilizados (honra, coragem, determinação). É por isso que os críticos dizem que “lenda, invenção e história” fundem-se com preciosidade na poesia nacionalista-indianista deste poeta.

A imprecisão histórica (já que pouco se sabia, de fato, do indígena) alimentou bastante as polêmicas da época. Embora muitos professores fizessem pesquisas, como era o caso de Gonçalves Dias, e estudassem as poucas obras que havia sobre a colonização, escritores deixavam a imaginação criadora muitas vezes falar alto demais. Muitos criticavam o excessivo empenho em transformar o índio

5 ALENCAR, José. *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*. In: *Obra completa*, Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, v. 4, p. 855. (N.O.)

em “cavaleiro de capa e espada”. O historiador João Francisco Lisboa, por exemplo, sempre fazia referências irônicas a Gonçalves Dias:

Um poeta no primeiro ardor de sua imaginação ainda virgem, e longe da pátria ausente, cantou, envernizou, amenizou, poetizou enfim os costumes ingênuos, as festas... E eis aí todo o mundo a compor-se [...] aturdingo-nos em prosa e verso com tabas, muçuranas, janúbias e maracás⁶.

A crítica grave à europeização do índio é fácil de se compreender, em virtude do rigoroso nacionalismo que regia o romantismo no Brasil. Mas, no caso de Gonçalves Dias, seu índio não é mais autêntico pela circunstância de ser “mais índio”, mas por fazer parte de uma obra mais bem elaborada técnica e tematicamente, como diz Antonio Candido⁷. Deve-se considerar também que, ao eleger o índio como símbolo de nossa nacionalidade, muitos escritores vão repensar o doloroso confronto cultural entre o branco e o selvagem — que sempre teve lugar nas discussões intelectuais europeias — e que Gonçalves Dias retoma melhor que a maioria de seus contemporâneos.

Na verdade, as diferenças de culturas tinham sido discutidas já na época do Descobrimento, no século XVI. O pensador a quem muito preocuparam essas questões (e que volta a ser relido no romantismo do século XIX) foi Michel de Montaigne (1533-1592), filósofo francês que viveu, como outros de sua época, o impacto inicial do descobrimento das Américas. Num conhecido ensaio chamado “Dos Canibais”, Montaigne considerou o europeu muito pretensioso por julgar bárbaro tudo que se afastava de seus próprios costumes. Numa famosa frase dizia: “Cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra”.

Esta postura de um grande pensador, que vivera o choque dos descobrimentos, serviu (e muito) aos românticos defensores da imaginada pureza indígena⁸. Tal discussão,

6 Apud CANDIDO, Antonio. Op. cit., v. 2, p. 81.

7 Idem. Op. cit., v. 2, p. 85.

8 Foram muito populares entre os românticos, além de Michel de Montaigne, *Viagem à terra do Brasil* (1534), de Jean de Léry, e *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1557), de Hans Staden.

com propósitos variados, ultrapassa o romantismo do século XIX e vai parar, por exemplo, na poesia rebelde de Oswald de Andrade, no início do modernismo do século XX:

Erro de português

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português⁹.

Diferentemente desse novo índio de Oswald ou dos grandes guerreiros de Gonçalves Dias, o herói indígena no romantismo brasileiro nem sempre era mostrado como um indomável. Se nos dispusermos a comparar tais heróis, é fácil verificar que o mundo de José de Alencar era mais conservador que o de Gonçalves Dias, pois seus heróis — belos, livres e fortes — estavam “modelados num regime de combinação com a franca apologia do colonizador”, como aprendemos com Alfredo Bosi¹⁰. O índio de Alencar entrará em comunhão com os colonizadores (é o caso de Peri, Iracema), a eles adaptando sua vida e seus sentimentos; enquanto isso, os índios de Gonçalves Dias reagem e lutam contra eles. As cenas de lutas criadas pelo poeta mostram claramente o destino atroz que tiveram as tribos brasileiras. Essa marca mais “realista” do conflito das civilizações fez crescer seu trabalho; por isso seus heróis são mais trágicos — como se o destino deles trouxesse ao poeta a necessidade (romântica e idealizada) de tornar seus guerreiros mais agigantados. Junte-se a essa receita a alta qualidade técnica, a adequação de metros e ritmos ao sentimento dos personagens, e o herói aparecerá sempre soberbo nas lutas, na busca de sobrevivência e no amor.

9 “Poemas menores” (1925). In: *Poesias reunidas*, São Paulo: Civilização Brasileira, 1974, v. 7. (N.O.)

10 *Dialética da colonização*. Cap. 6, p. 176. (N.O.)

O grande amor do poeta e a temática lírica

Como docente do Colégio Pedro II e membro ativo do Instituto Histórico e Geográfico, criado pelo imperador Pedro II, Gonçalves Dias foi designado, em 1851, para avaliar a escolarização nas províncias do Norte. Volta, por isso, ao Maranhão, onde se apaixona perdidamente por uma moça, que havia conhecido menina, e que era prima de seu grande amigo Alexandre Teófilo. Ana Amélia Ferreira do Vale, mais nova que o poeta, seria para sempre seu grande amor. Namorou-a e a pediu em casamento no final de 1851, mas a mãe da moça recusou o pedido. Embora a moça o amasse, e fosse o poeta, aos 28 anos, um nome famoso em todo o Brasil, a união não se realizaria. Pouco tempo depois, ambos se casavam com outras pessoas.

Muitos anos depois dessa recusa, Gonçalves Dias, cada vez mais famoso e trabalhando no exterior, ainda se ressentia de seu destino amoroso, como mostram muitas cartas e os poemas publicados na época (“Se se morre de amor!”, “Desejo”, “Seus olhos”, “Ainda uma vez — Adeus!”), além de outros, que ficaram póstumos (“Oh! Que acordar!”, “Se muito sofri já, não me pergunte”, “No jardim!”, “A baunilha”, “Se te amo, não sei!”, “Como! És tu?”). Para sermos justos com o poeta, devemos lembrar que, além de seu vigoroso indianismo, sua poesia lírico-amorosa teria altíssimos momentos de realização artística. Não que ela fosse tão original como a indianista; na verdade, era semelhante à de outros grandes poetas da época, brasileiros ou europeus. Mas a técnica e a cultura letrada aliavam-se aos sentimentos pessoais de forma competente. Havia quem dissesse (um pouco ironicamente) que o sofrimento era o melhor alimento para a melancolia com que o maranhense compunha sua obra lírica. De seus melhores poemas emerge a revelação de que o amor verdadeiro é único e eterno, por isso a insuperável tristeza trazida pela não realização amorosa.

Em 1852, Gonçalves Dias casa-se com Olímpia, filha de um médico do Rio de Janeiro, e, em 1854, muda-se com